

A paixão de Ruth



A seca daquele ano havia sido devastadora. Tinha trecho do Chico que dava pra atravessar a pé! Gado morrendo, fome apertando, nada de trabalho! Assim, Tião pegou Noêmia e seus dois meninos e se aventurou num pau de arara pra São Paulo. Mas eles mal tinham conseguido se estabelecer por aqui, Tião morreu!

Dias difíceis... Noêmia fazia de tudo um pouco, não só pra sustentar a casa, mas pra superar a falta do Tião. Pra não se afundar na depressão, se agarrava à fé e aos meninos, que cresceram e se tornaram homens de respeito. Preocupados com a mãe, decidiram se casar e constituir família. Pra encher a mãe de orgulho, combinaram com as meninas de se casarem no mesmo dia - elas toparam!

A casa agora estava cheia de esperança. No jantar, Noêmia lavava louça, cantava e perguntava toda hora quando viriam os netinhos. A angústia se desfazia

em meio à alegria e orgulho que seus filhos lhe davam. Suas noras, Ana e Ruth, viam na sogra um exemplo de força e resiliência. A história de Noêmia finalmente voltava aos trilhos e a saudade do Tião já não trazia tanta dor. Foi quando a tragédia cruzou novamente o caminho de Dona Nô.

Naquela madrugada, o clamor foi interrompido pelo toque irritante do telefone na sala. Ana quase caiu na carreira: *“Sim, é a esposa dele!”* – disse, enquanto Ruth, ainda de joelhos, abraçava suavemente sua sogra. Sem mais detalhes, se apressaram para o Hospital do Mandaqui, onde o inesperado se confirmou: *“São Paulo é assim mesmo, dona... a gente trabalha que nem um cão, pra vir um vagabundo desses e tirar a vida de dois meninos trabalhadores como seus filhos!”* – alguém tentava consolar Noêmia que, em choque, sequer chorava. Ana gritava pelos corredores do hospital. Ruth abraçava sua sogra e perguntava insistentemente o porquê Deus faria aquilo com elas... de novo!

Três meses depois, Noêmia continuava sem rumo. A depressão voltara com toda força. Sem dinheiro, sem vontade de viver e brigada com Deus, decidiu voltar pra Sergipe. *“Vem pra cá, mulher, esse ano tá bom aqui, choveu que só!”* – insistia uma prima otimista. Assim, pegou suas noras e embarcou naquele leito. E foi quase um dia e meio de absoluto silêncio entre aquelas três mulheres enlutadas.

Elas estavam ainda na rodoviária quando Noêmia pediu para se sentar. Uma mesa de cimento serviu de púlpito para o sermão daquela mulher amargurada: *“Meninas, Deus me amaldiçoou...”* – falava Noêmia com convicção quando Ruth tentou interrompê-la, mas sua sogra continuou: *“...e vocês não merecem sofrer por minha causa! Quero que cada uma volte pra sua família!”*

Ana se levantou revoltada: *“A senhora podia ter dito que nos abandonaria ainda lá em São Paulo, né? Pra que nos trazer até aqui e...”* – Ana se perdeu nas

palavras e começou a chorar. Abraçou sua sogra, deu-lhe um beijo e sumiu por entre a multidão.

Enquanto Ruth observava Dona Nô absorta fazendo tiras num copo de plástico como quem descasca uma fruta, juntou as mãos de sua sogra e lhe disse com ternura: *“Dona Nô, Deus deu, Deus tirou, bendito seja o Senhor!”*. Enquanto Noêmia tentava segurar o choro, Ruth prosseguiu: *“A senhora tem sido uma mãe pra mim, eu nunca vou lhe deixar!”*

Dias depois, Noêmia pediu ajuda a Carlos, um parente distante que tinha se dado bem no ramo imobiliário. Carlos sabia da situação e perguntou como podia ajudar. Sem hesitar, Noêmia pediu um emprego para Ruth e, assim, pouco tempo depois, Ruth estava servindo café naquele luxuoso escritório.

Entre uma reunião e outra, era inevitável o comentário sobre a bonitona de São Paulo: *“Ela nem sotaque tem, visse?”*. E dentre os pretendentes, apenas um interessava à menina viúva - Carlos! Carlos era divorciado, bem resolvido e também já tinha trocado olhares com Ruth, mas sequer cogitava a possibilidade: *“Ela tem metade da minha idade, Júlio!”* - desabafava com um amigo que tentava convencer Carlos de que isso era coisa do passado.

Passados 2 anos, Ruth finalmente confessou para sua sogra a tal da paixão proibida. Dona Nô empurrou Ruth para o chuveiro e já começou o sermão: *“Tu tá é doida, é!? Tanta desgraça que já me aconteceu nessa vida e tu quer perder uma oportunidade dessa? Você vai pôr aquele vestido novo, ficar cheirosíssima e voltar agora pr’aquele escritório! Só me volte aqui comprometida!”*

E foi assim que Ruth e Carlos se casaram e tiveram o pequeno Davi, que restaurou a alegria de Noêmia e reinou absoluto até a chegada dos gêmeos.

Cici



Eu já estava praticamente dormindo quando ouvi o pedido de socorro da minha pequena: *"Papai, cici!"*. Corri pro quarto dela e fiz o ritual do papai exausto – abraçado a ela no troninho, esperei o tal do cici, que não veio. Alarme falso! Levei pro quarto, dei um beijo e boa noite. Menos de 5 minutos, outro pedido de socorro. A cena se repete, alarme falso! Na terceira vez, percebendo que não se tratava de nenhum desconforto, decidi perguntar: *"Meu amor, você está chamando o papai toda hora porque está com medo de dormir sozinha?"*. Um pequeno feixe de luz iluminava a boquinha dela, que lentamente foi fazendo aquele beijo de choro. Não contive a lágrima. Abracei-a com todo carinho e, revigorado por tanta fofura, esperei até que ela dormisse.

A gente vive numa sociedade que exaustivamente valoriza as pessoas que se

posicionam como fortes e resilientes – o que não deixa de ser algo nobre. Acontece que, injustamente, o vulnerável é tachado como frágil, fraco e problemático. Esses dois extremos, inseridos numa geração refém da perfeição de seus filtros, tornam socialmente inaceitáveis aqueles que se mostram reais como deveriam ser. Mas talvez, aquele que tem a coragem de expor sua vulnerabilidade seja, de todos, o mais corajoso.

O curioso é que a sociedade que convencionou que “homem não chora” é a mesma que sufoca mulheres quando elas alcançam cargos de liderança e têm uma postura mais firme. Assim, se o homem vacila, é frouxo, e se a mulher não se impõe, é vista como fraca para o cargo e que, ali, “deveria ser um homem”.

Bem, não dá pra mudar a cabeça de uma sociedade da noite pro dia, mas enquanto isso não acontece, podemos fazer uma boa limonada pra não azedar de vez. Como? Valorize a exposição emocional! Se alguém, diante de um cenário de tantos estereótipos e julgamentos, se abre pra você e lhe confessa toda sua vulnerabilidade, saiba que ele está depositando em você a mais alta confiança. Essa pode ser a maior declaração de amor desse tempo.

Talvez, e só talvez, o verdadeiro amor seja admirar alguém não apenas por sua força e resiliência, mas também pela coragem de ser quem se é, e não o que os outros querem que se seja. É preciso coragem para ser imperfeito.

Muito além de mim



Eu tinha 20 e poucos anos e já era analista de sistemas de uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. E se você achou essa frase muito prepotente é porque você não me conheceu à época - eu era simplesmente um nojo (rs)! Mas como o bife à milanesa que minha mãe martelava, apanhei o suficiente da vida até deixar de ser esnobe. Esquece essa parte! Acontece que foi nessa época que conheci um cara que viria a ser um dos meus melhores amigos. Bem, na época, eu estava com medo de perder minha posição de destaque pra ele, logo, ele era claramente uma ameaça!

Na intenção sinistra de conhecer meu oponente, comecei a almoçar com ele, meu xará, Rogério Tadeu. O cara era simplesmente um gênio dotado de memória fotográfica, inteligência absurda e uma simplicidade invejável, da pomba dizer "Puxa!". E foi no nosso 3º almoço que juntei coragem pra questioná-lo quanto a um costume seu muito peculiar. O cara comia primeiro o arroz, depois o feijão, depois a carne e, finalmente, a salada.

Então, no auge da minha arrogância, mandei essa: “Mano, na boa, por que você fica com essa patifaria de comer uma ‘categoria’ de comida por vez?” E foi sem olhar pra mim, que ele terminou de mastigar, levantou a cabeça, ajeitou os óculos com o indicador e calmamente me respondeu:

“É que tem coisas sobre mim que você não sabe. Quando eu era criança, alguns dias tinha só arroz. Outros dias, só carne. Às vezes, tinha até feijão. Então, eu acostumei.” - Obviamente, aquela foi a primeira martelada da vida na formação do meu caráter. E sim, dói até hoje! rs.

A gente fala muito sobre empatia, sobre se colocar no lugar do outro e tal. Sim, isso é imprescindível, mas talvez, e só talvez, nosso problema não seja apenas deixar de se colocar no lugar do outro, mas também precipitar-se em fazer julgamentos. Entenda: aquilo que eu faço, do jeito que faço e porque faço assim faz parte de algo muito maior do que aquilo que você vê de mim. Eu trago marcas, traumas e dores que explicam meu jeito de ser. Então, se algo em mim parece estranho e até incomoda, acredite, eu tô resolvendo, uma porção de cada vez, um dia após o outro.

Como disse meu amigo: “É que tem coisas sobre mim que você não sabe.”

Emaús



Era domingo, mas eles não tinham ido ao culto. A angústia era tão profunda que eles acabaram discutindo. Claro, quem está ferido fere.

- Você não sabe nem o que tá falando! Eles não tinham o direito de matá-Lo!
- Mas, Cleopas, eu não disse que eles “tinham o direito”, eu só disse que se a gente não tivesse deixado Ele sozinho lá no...
- Ei, sobre o que vocês estão discutindo?

Cleopas estava tão agitado, que acabou sendo grosseiro com o desconhecido que se aproximara: “Aff! Você tá muito mal informado, hein? Que foi, tava preso? Porque até os presos ‘tão sabendo...”. Cleopas baixa a cabeça e uma lágri-

ma lhe escapa. Para e olha para trás em direção ao nada que lhe restara. O pretérito toma-lhe a fala:

- Ele era um profeta, falava tão bem... nós tínhamos esperança nEle! Nossos amigos foram ao túmulo e chegaram com uma história de que Ele estava vivo, mas ninguém O viu. Eles estão delirando, só pode!

Então, o Desconhecido também se agita: “Puxa, como vocês são sem-noção!”. Cleopas e o amigo se assustam, mas ficam curiosos. Aquela ousadia tinha que ter um motivo. E por quase 3 horas, aquele [até então] Zé Ninguém lhes dá uma aula incrível de Antigo Testamento. A agitação, a tristeza e a revolta agora dão lugar ao vislumbre. Os amigos estavam ainda envolvidos naquela conversa tão gostosa e cativante quando o Desconhecido concluiu: “Mas é isso... a gente se vê por aí...”

- Irmão, tá tarde! Aonde você pensa que vai!? Por favor, toma um café com a gente. A Maria fez pão!

Nós temos vivido uma espiritualidade refém do templo. Sim, cultuamos ao Eterno numa casa de tijolos, mas o Espírito não habita lá. A igreja anda. A igreja fala. A igreja se conecta. A caminhada até Emaús é prova de que a agitação dos nossos corações não impede o Seu falar. Mesmo quando aparentemente Ele não está ali, Ele está. Ele está no café, no partir do pão, no lamento, na risada, na poeira do caminho que muitas vezes nos sufoca. Ele está!

Emaús, caminhada sem holofote, sem musiquinha de fundo, sem saber se Jesus está ali ou não. É a espiritualidade do pé no chão, da trivialidade, do café

na padaria, mas que no fim do dia faz arder o coração.

Mas é isso... a gente se vê por aí!

No amor do Pai,

Roger

Frágil



De um lado da tela, está você, talvez no meio de uma reunião de negócios, dando de comer para sua criança ou, quem sabe, lavando uma pilha de louças. De repente, pinga aquela mensagem: “Oi, tudo bem?”. Você imagina que a reunião já vai terminar, que o bebê já está quase satisfeito ou, quem sabe, que só faltam 2 pratos, e pensa: “Já respondo!”. Acontece que a reunião se estende, a criança derruba o suco ou, quem sabe, você derruba o prato no chão. Finalmente, o chefe briga, a criança chora e, quem sabe, você corta o dedo num cacó do prato. Termina o dia, você já deitou. Dia difícil! Celular carregando na sala. Seu último pensamento antes de dormir: *“Meu, esqueci de responder aquela mensagem! Ah... amanhã respondo”*.

Do outro lado da tela, está o frágil. Talvez assistindo TV, navegando na internet ou até mesmo trabalhando. Foi quando, do nada, lembrou de você e te mandou a tal mensagem. Quinze minutos depois: “Gente, a pessoa tá online, por que não responde?”. Meia hora depois: “Poxa, custa responder?”. Uma hora depois: “Meu, será que eu fiz alguma coisa, e ela não gostou?”. Duas horas depois: “Certeza que tá brava comigo!”. Três horas depois: “Nossa, ela se acha, né? Se fosse fulano que chamasse, já tinha respondido”. Quatro horas

depois: “Olha, eu sou uma idiota mesmo. Me preocupo, tô sempre pronta...”.
Cinco horas depois: “Deixa, ela vai sentir minha falta! Nunca mais eu chamo!”
E dorme. Dorme mal. Mal dorme. Se levanta de madrugada pra ver se a pessoa está online. E volta a dormir. Se revolta. Diz que vai ter volta!

A insegurança emocional se traduz num sentimento de inferioridade que muitas vezes vem à tona em tom de revolta. A tentativa de compensar as frustrações é tão imperceptível, que a pessoa sangra pra todo lado e nem se dá conta. E pior, no desespero por atenção, se torna inconveniente e acaba afastando até mesmo aqueles que lhe têm carinho e amor.

Se você se sente assim, é claro que você precisa de ajuda. E não há vergonha alguma nisso. Busque ajuda! Dentro de você há tantas outras qualidades, você não precisa se comparar a ninguém! Cada um tem seu perfume. Cada um tem seu valor. Só tá te faltando ajustar alguns pontezinhos. Pense nisso.

Fios de amor



A história conta que Thomas Edison fez 1.200 tentativas antes de encontrar o material adequado para a sua invenção mais revolucionária. A ideia parecia simples: encontrar um filamento que ficasse incandescente quando a corrente elétrica passasse por ele. O problema é que o tal filamento tinha que suportar a passagem elétrica sem queimar, e dentro de um bulbo a vácuo, já que o oxigênio facilita a combustão. Bem, depois de testar centenas de diferentes tipos de materiais, finalmente ele encontrou o filamento de bambu carbonizado, que incandesceu por 45 horas seguidas.

Mais que história, a invenção da lâmpada elétrica tem muito a nos ensinar. Nessa pedagogia brilhante, pergunto: por que entramos em pânico quando aquela nossa linda história de amor e paixão é submetida aos testes de resistência que a vida traz?

Veja, a maioria dos relacionamentos talvez nem venha a ser testado. Muitos deles, por um mistério da vida, simplesmente passam anos a fio incandescente e sem a menor variação. Mesmo que com uma luz tímida, avermelhada e que dá sono, eles persistem, e sob o mais absoluto vácuo, mantêm essa chama

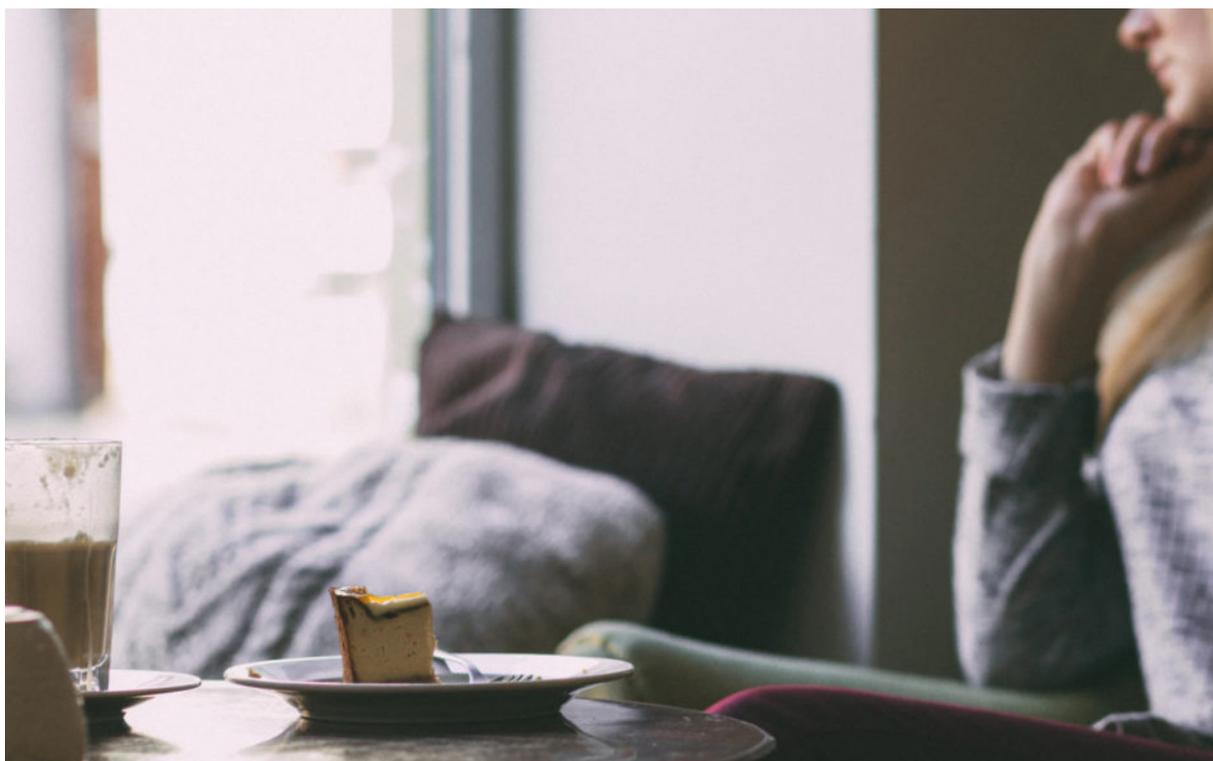
acesa - e isso lhes é suficiente.

Mas a gente precisa entender que alguns de nós precisam de mais ar, simplesmente porque não fomos feitos para viver num ambiente sufocante, a vácuo, sem espaço para questionamentos, sem oportunidade de respirar. E veja, isso é perfeitamente normal! Porém, essa relação precisará de um filamento muito mais resistente e será submetida a testes mais rigorosos.

Talvez, nosso desafio de luz seja não se perder em meio a esse teste sombrio do amor. Talvez, e só talvez, precisemos acreditar que a única chance dessa paixão incandescer na intensidade que queremos seja permitir que ela seja realmente testada, e isso é assustador! É claro que temos medo de ela não resistir! Mas acredite, essa é a única forma de saber se a paixão vai iluminar ou acabar em cinzas. Afinal, se ela resistir a mais esse teste tão estressante, é impossível que ela não resista pra sempre, não é?

Deixa a luz acesa. Se queimar, era só mais um fiozinho de nada. Logo logo você acha um que vai te fazer perder o ar... e pra sempre!

Carentena



Pelo menos metade das pessoas que me chamam pela primeira vez em uma mensagem privada diz que tinha medo de falar comigo porque, segundo elas, eu escrevo muito bem. A outra metade diz que tinha medo de falar comigo porque, segundo elas, eu sou santo, e isso as deixa desconfortável. Bem, eu posso justificar que estudei comunicação, e que escrever bem é o mínimo que posso fazer. Também posso garantir que essa imagem de santo está muito longe da verdade nua e crua dos meus muitos pecados. A questão é que nada disso muda o resultado dessa equação: no final das contas, sobram poucos amigos. Morar sozinho também não soma muito nesse problema e diminui ainda mais a chance de dividir os dilemas com alguém, e isso multiplica um problema em especial: a carência.

Ontem, uma amiga me pediu dicas de como escrever um bom artigo para seu blog. Embora eu oriente algumas pessoas nisso, percebi que não tinha algo formalizado. Então, analisei um dos meus próprios textos e pontuei algumas coisas para ela, e dentre esses pontos mencionei a necessidade de se trazer um problema e propor a solução. Não é regra, mas atrai.

Eis aqui a ironia desse texto: não há solução para a carência. Sim, existem alguns paliativos: ame-se, curta a sua companhia, cuide de você, pratique um esporte, leia um bom livro etc. Agora, prepare-se para o escândalo: esse é um problema que nem Deus resolve. Calma! Não é que Ele não tem poder para isso, é que essa é uma afirmação dEle mesmo: “Não é bom que o homem esteja só!”

O ser humano foi construído com essa lacuna, um vazio que o próprio Deus faz questão de não preencher. Por mais otimista que você queira ser ao dizer que Deus está sempre conosco, é preciso maturidade para entender que carência não é ausência de Deus, é ausência de gente, pois Deus assim determinou. Goste você ou não, fomos feitos um para o outro.

É... não há conclusão apoteótica para esse texto. Não há solução filosófica que amenize esse buraco que tem no seu peito. Só há um conselho: não permita que a carência tome conta de você! Não seja dominado por ela, senão, ela te faz escrever textos sem conclusão, equações mal resolvidas e...

Assuma-se!



Eu havia acabado de mudar. Na pindaíba de juntar moedinhas pra comprar o essencial, faltava a compra das xícaras. Então, pensando com carinho nos amigos a quem eu traria pro meu novo canto, escolhi as melhores xícaras. Foi um sucesso! Todo mundo que vinha, elogiava o bom gosto da escolha.

Passado um tempo, em choque, percebi que uma das pessoas mais importantes do mundo pra mim ainda não tinha sido prestigiada com a tal da xícara nova. Então, fiz o melhor café da manhã que pude, com tudo o que eu sabia que ela gostava. Liguei pra Chef Júlia, pedi dica de como fazer o tal do ovo de hotel, e caprichei! Então, naquela manhã, diante de um lindo nascer do sol, na sacada da minha casa, com uma linda xícara nova, EU ganhei um delicioso café da manhã, e me agradei por aquele carinho.

Eu tenho visto amigos e amigas se submeterem a relacionamentos silenciosos. Um silêncio estranho, sob o eufemismo do “o que ninguém sabe, ninguém estraga”. Meninos que não assumem relacionamentos porque “o que a gente tem é tão lindo que é melhor não estragar com uma aliança”. Mulheres que sutilmente escondem a mão nas fotos. Gente que quer a delícia de se ter al-

guém, mas jamais a responsabilidade de ser de alguém. E se o pertencer te causa estranheza, você não sabe o que é amar.

Tenho uma inveja boa dos meus amigos que são bem expostos por suas amadas em rede social. Homens que ganharam um presente dos céus ao terem alguém que lhes assume diante do mundo. “*Ain, mas isso não é prova de amor*”. Não, não é! Assim como aliança não segura relacionamento, foto bonita não conta amargura. Mas eu prefiro ver o copo meio cheio: essas pessoas decidiram dizer ao mundo que vale a pena correr o risco de assumir o amor.

Quem aceita estar numa relação secreta, precisa também assumir, pelo menos pra si, sua carência afetiva. Se você tem medo de se expor porque alguém pode estragar, essa relação é frágil. E se você se submete a algo assim tão furtivo, é você que é frágil.

Quer um conselho? Faça um bom café e ame-se! Enquanto você não entender o valor que tem, vai continuar se submetendo a amores frios e cafés requentados. E quando menos perceber, terá que encarar um “desculpa, comecei a namorar”.

Ela não é doida!



- *Mas tá tudo bem?*
- *Claro, por que não estaria?*
- *Ah, sei lá...*
- *Já falei que sim.*
- ...
- *Só acho engraçado que...*

E todo mundo sabe que as palavras a seguir não têm nada de engraçado. E é por essas e outras que os homens taxam cruelmente: “Mano, mulher é tudo doida!”

Não, mano! Elas não são doidas! Claro, há aquelas exceções que, quando en-

contram mensagem suspeita no celular, literalmente esfregam sua cara no asfalto enquanto vão declarando seu delito em sílabas: “E-la é só u-ma a-mi-ga, né?”, mas isso não é regra. Bom, a verdade é que as mulheres têm sim um sexto sentido! E não... não espere nenhum dado científico ou alguma explicação Freudiana. Parafraseando Chicó, não sei, só sei que é assim.

Cara, mulher consegue achar cabelo de mulher, mesmo que ele ainda esteja na cabeça da outra mulher! Elas são capazes de distinguir o cheiro do seu suor, do cheiro do trânsito, do cheiro do seu perfume, do cheiro do restaurante em que você almoçou, do resquício das nano gotículas do perfume da endemoniada da recepcionista do cliente que te recebeu com dois beijinhos – the mônia!

Meu, põe uma coisa na sua cabeça, quando uma mulher espreme os olhos e te pergunta se tá tudo bem, entenda: ela está te dando uma chance raríssima de pronunciar suas últimas palavras! Nesse caso, você só tem duas opções: responder “Tava...”, enquanto aquela gota fatídica de suor vai escorrendo pelo rosto e suas pernas batem palmas, ou dar uma de alfa, estufar o peito e dizer: “Não é isso que você tá”. É, assim mesmo, incompleto. Dificilmente você vai concluir essa frase.

Criatura, quem foi o idiota que te convenceu que você consegue enganar uma mulher? Cara, elas se reúnem toda quinta de madrugada, enquanto a gente dorme, num ritual macabro, em que elas começam gritando e (pasmem, senhores!) abrindo potes de azeitonas... so-zi-nhas! Ou você acha mesmo que elas não conseguem abrir um mísero pote?

Mano, esse é o código secreto que elas têm pra gente achar que tá no comando!

Portanto, conselho de amigo: antes de mentir para uma mulher, leia esse texto 3 vezes e encaminhe para o máximo de homens que você puder salvar, antes que seja tarde demais.

Força, soldado! O mundo é delas.

Não acaba quando termina



Há alguns meses, comecei um projeto chamado “A geladeira falou”. Todos os dias pela manhã, eu escrevia frases de reflexão numa espécie de quadrinho branco imantado. Diante da quantidade enorme de atividades que tenho em meu dia-a-dia, tive que abandonar o projeto. Porém, curiosamente, há um post que, mesmo o perfil estando lá às traças, quase todo dia alguém marca outro alguém ali, e cada vez que chega a notificação, eu penso: “Será que eu retomo isso?”

Mas veja que paradoxal, ao mesmo tempo que me doeu escrever “tive que abandonar o projeto”, lembrei dele com orgulho, e te digo o porquê. Todas as coisas que fiz até hoje, fiz com toda a alma, e naturalmente, muitas dessas coisas, eu abandonei ou não consegui concluir. Porém, quando olho pra trás, eu sinto paz! Justamente por ter feito tudo com toda a intensidade e paixão que eu tinha.

Pasme! Até hoje, pessoas me agradecem por projetos que fiz quando ainda era um adolescente, e que marcaram a vida delas. Então, tudo o que eu queria que você soubesse hoje é que não acaba quando termina, só acaba quando aca-

ba!

A gente esquece que as coisas não são eternas. Projetos terminam, empregos terminam, amizades terminam, relacionamentos terminam. Contudo, se em todos esses momentos você tiver entregado o melhor de você, acredite, isso não acabou! Porque nós não apenas levamos um pouquinho das pessoas conosco, nós deixamos um pouquinho de nós nelas. E se esse pouquinho foi bom, ele será eterno enquanto elas viverem.

Mas posso te falar a real desse texto? Relacionamentos terminam, mas o amor não acaba! Ele fica. Isso porque o amor não nos pertence, somos nós que pertencemos a ele. Ele tem vida própria! Sim, ele pode ter terminado pra você, no seu tempo, no seu espaço, naquele papel, mas ele sobrevive até sem você, porque ele fica impregnado no outro. Não sai, não deixa dormir, não acaba não. Mas se aconteceu com toda a intensidade da sua alma, não se preocupe, você pode dormir em paz porque sua parte você fez. Como disse o poeta, “por ser encantado, o amor revela-se. Por ser amor, invade e...”